

O SABER E O SENTIR: UMA LEITURA DO DESEJO, DE HILDA HILST¹

Bernardo Nascimento de Amorim*

RESUMO:

*Uma aproximação da poética de Hilda Hilst, abordando a sua relação com uma determinada tradição da modernidade, a sua singular trajetória e alguns de seus traços marcantes, observados a partir do livro *Do desejo*.*

PALAVRAS-CHAVE: *Hilda Hilst, poética, poesia contemporânea.*

A intensa produção literária de Hilda Hilst, iniciada em 1950 e finda alguns anos antes de sua morte recente, com a publicação do último original, *Estar sendo. Ter sido*,² em 1998, percorre um longo caminho. São quase cinquenta anos a atravessar diversos momentos e tendências da história contemporânea da literatura brasileira, com os quais se estabelecem significativos diálogos, aproximações e distanciamentos. A trajetória da poeta, que em várias oportunidades deixou clara a sua irritação, senão mágoa, com o fato de não ter a sua obra um alcance maior de público ou um reconhecimento mais efetivo por parte da crítica especializada, acaba se destacando hoje como o registro de uma das mais legítimas formas de vida dedicada à literatura, em que quaisquer tipos de concessão para além do compromisso com a própria subjetividade do artista são prontamente repudiados.

A obra de Hilst nos desafia quando pensamos na possibilidade de uma compreensão mais ampla, e ao mesmo tempo, mais concentrada, de suas formas específicas e estruturas fundamentais. No entanto, em meio à variedade de uma autora que soube com destreza expressar-se nos três gêneros mais tradicionais

* Mestre em Letras: Poéticas da Modernidade (Área de concentração: Literatura Brasileira), 2004.

da literatura, a prosa narrativa, o teatro e a poesia lírica, sobressaem-se algumas formas que insistem em permanecer presentes, de modo mais ou menos evidente, em toda a obra. Em uma visão geral do trabalho da autora observa-se uma sucessão de fases claramente distintas, mas entre as quais não há propriamente mudanças radicais, ao menos quanto às inquietações e motivações da escrita. Trata-se de um percurso cujo destaque seria antes de tudo o acréscimo da densidade com que são vertidos em poemas, narrativas ou dramas as mesmas tensões, angústias e interrogações.

Em Hilst, a literatura, assim como a figura do artista, em especial a do poeta, assume uma dimensão e um valor de grau bastante elevado. Diante de um mundo sempre insatisfatório, mesquinho e banal, o poeta procura algum tipo de elevação, uma compreensão menos aparente das coisas e dos homens. No caso específico da poesia, espaço que a autora reservou para uma dicção mais elevada do que a de sua prosa, conjuga-se um tom marcadamente confessional com o desejo de transformar o fazer estético em uma experiência extraordinária de conhecimento sem o que a própria existência parece deixar de fazer sentido. Ao reunir a expressão do sujeito e a sua experiência vital, fundamentada de modo mais ou menos equilibrado entre a vivência afetiva e a vontade de conhecimento, a poesia de Hilst faria questão de recusar a distinção absoluta entre a vida e a sua exploração literária.

Neste ponto, seria relevante perceber como a obra da escritora nunca foge inteiramente da intenção de ligar a vida e a sua expressão, de maneira a recuperar e atualizar uma antiga idéia romântica, teorizada por Hegel, segundo a qual se pensa a poesia enquanto objetivação dos estados interiores da alma do poeta. A lembrança dos românticos não vem aqui por acaso, pois nos permite esboçar uma dimensão significativa da poesia de Hilst, qual seja, a sua ligação com certos aspectos de uma tradição, alguns traços relativamente definidos que serviriam para localizar a própria obra da autora no tempo e no espaço.

Procurando uma compreensão mais ampla da produção de Hilst, poder-se-ia efetivamente imaginar a sua ligação com uma certa tradição, com alguns aspectos de uma estrutura que poderia ser observada e definida em seus caracteres mais essenciais. Não seriam poucos os traços da autora que fariam dela representante de um projeto modernista fundamentado sobretudo nos ideais

iluministas, cujos desdobramentos iriam desde a crítica à razão iniciada com os românticos até os movimentos iconoclastas da literatura moderna a desaguar na revolta e conquistas das vanguardas do século XX.

Uma obra impregnada de tensões como a de Hilst, em que se evidenciam alguns dos principais paradoxos da modernidade, estaria bem acompanhada entre aqueles autores que, desde os românticos, fizeram da literatura um espaço de elevação e superação de um mundo desprovido de mistério ou encanto. A concepção da figura do poeta como um ser à margem, o ser de exceção, ainda supostamente capaz de estar acima das miudezas de um tempo marcado pelo mercantilismo e pela técnica, assim como a vontade de retorno místico a uma origem perdida em meio a um universo desencantado, e a aspiração sem meta definida, traços fortemente presentes na poética da autora, seriam igualmente marcas dos principais expoentes da modernidade literária. Em Hilst seriam perceptíveis tanto a recusa de conteúdos inequívocos, a serem substituídos por significações sempre múltiplas e um indispensável sentido de mistério, quanto o desprezo a todo mecanismo de absorção do indivíduo pelas formas estereotipadas de comportamento e à ausência do espírito crítico que possibilitaria a construção de um projeto de autonomia e libertação do homem.

Mas, se o pertencimento a uma certa tradição da lírica moderna pode ser observado na obra de Hilst, deve-se procurar pensá-la também por um viés que a aproxime de uma dimensão menos geral, desta vez reduzindo e tornando mais locais os aspectos relacionais de sua poesia. Em uma carreira iniciada ainda em 1950 e desdobrada até as publicações de uma editora de grande porte como a *Globo*, cinco décadas depois, Hilst esteve dialogando com os movimentos e tendências tanto da literatura quanto da política e das artes nacionais. Entretanto, percebe-se curiosamente como o percurso da poeta revela uma espécie de anacronismo em relação às polêmicas e às exigências das manifestações e programas literários locais.

Não é um acontecimento isolado o fato de que *Roteiro do silêncio*, o quarto livro da escritora, publicado em 1959, passando ao largo das inovações concretistas, apareça marcado pela proximidade com muitas das intenções dos poetas da chamada geração de 45, então já sem o poder de fogo inicial. Em um momento marcado pela voga da poesia concreta, é interessante notar como Hilst parecia voltar às referências de uma geração anterior. Do mesmo modo, este caráter de distanciamento

da obra da autora em relação aos movimentos da literatura nacional viria a se manifestar novamente algum tempo depois, quando da penetração da necessidade do engajamento político na poesia brasileira, em meados da década de 60. A manifestação de modo mais direto de uma vontade de participação da poeta nos destinos coletivos de sua época seria vista somente em um conjunto de poemas um tanto excêntrico à sua própria poesia, presente em *Júbilo, memória, noviciado da paixão*, já de 1974, um livro cuja maior parte trata de um tema dos mais caros à escritora, o amor, suas nuances e embates.

A observação do contexto local em que se desenvolve a poesia de Hilst nos permite destacar a autenticidade de um projeto poético alheio a quaisquer modismos, concessões ou polêmicas literárias. Paralela aos principais ou mais chamativos acontecimentos da literatura nacional, a obra da autora manteve a sua originalidade e independência, incorporando o que a ela cabia incorporar de modo orgânico, de maneira a alimentar o progressivo adensamento de uma lírica, que, como observamos, embora nunca tenha abandonado os mesmos temas e inquietações, ganha sempre em concentração, ousadia e tensão.

A referida densidade a que chega a poesia de Hilst em seus últimos anos não poderia ser efetivamente observada, entretanto, sem uma aproximação maior de seus poemas, só eles capazes de nos fazer conhecer os núcleos desta poética. Neste sentido, vale tomar como referência a obra *Do desejo*, editada em 1992, que reunindo livros publicados anteriormente, aos quais se acrescentam dois poemas inéditos, abarca um dos momentos mais fortes da lírica da autora. Em *Do desejo* se nos revelam alguns dos traços fundamentais de toda a obra de Hilst, não apenas de sua lírica, mas certamente de toda a sua poética, calcada em uma determinada visão de mundo e na dedicação a certos temas e questionamentos que acabam por ser parte de uma forma de existência e manifestação das necessidades mais prementes de um sujeito. Em todo o livro, torna-se evidente a vontade de expressão da interioridade de uma figura humana que procura objetivar a sua experiência e decifrar os enigmas da existência, em meio a momentos de luz, quando da realização amorosa ou de algum outro tipo de provisória completude (*Porque há desejo em mim, é tudo cintilância.*) (Hilst, 1992: 9), e sombras, quando os mistérios do universo permanecem absolutamente obscuros (*E eu mesma estilhaçada, prenhe de solidões / Tento voltar à luz que me foi dada*) (Hilst, 1992: 37).

Se pensássemos nos três momentos sem os quais a arte não se sustenta, quais sejam, a construção, a expressão e o conhecimento, talvez haja a possibilidade de iluminar mais de perto e de modo mais analítico a poesia de Hilst, diferenciando-a de outras manifestações poéticas. Embora esteja aqui presente uma preocupação com o movimento dos versos e estrofes, com a sonoridade, com o ritmo do discurso, com a procura da palavra exata, a construção, de todos estes três momentos, parece ser o menos evidente, ou o que demanda investimentos menos concentrados por parte da poeta. Da análise dos poemas de Hilst parece ressaltar de fato, em primeiro lugar, o momento da expressão, por alguns artistas menos explorado. Novamente nos lembramos dos românticos e nos afastamos até de alguns dos maiores cânones da modernidade, ao menos se pensarmos na desconfiança da exposição do sentimento característica de autores como um Baudelaire ou um João Cabral.

Por outro lado, deve-se lembrar que a poesia de Hilst fundamenta-se também radicalmente em um desejo de compreensão, de esclarecimento. A lírica da autora não deixa nunca de ser marcada pelo questionamento, pela interrogação, que freqüentemente assume a dimensão de uma busca ao mesmo tempo mística e racional, metafísica e subjetiva, pelo sentido das coisas e experiências: *Quisera dar nome, muitos, a isso de mim / Chagoso, triste, informe. Uns resíduos da tarde / Algumas aves, e asas buscando tua cara de fuligem* (Hilst, 1992: 107). A vontade de decifrar os enigmas do universo, da vida e da morte, apresenta-se como uma verdadeira diretriz para a composição dos poemas, que conjugam o elemento intelectual, a organizar as idéias e o discurso, à exploração do desejo de encontro e comunicação com o outro, seja ele o obscuro objeto de desejo que habita as alturas, ou o mais terreno amante de carne e osso. A necessidade de desvendar a finalidade da vida ou do próprio desejo (*Quem és? Perguntei ao desejo. Respondeu: lava. Depois pó. Depois nada.*) (Hilst, 1992: 7), o enfrentamento da morte e da condição efêmera do ser humano (*O que é o osso? Este viço luzente / Desejoso de envoltório e terra.*) (Hilst, 1992: 26) são marcas de uma poesia que faz do questionamento uma forma de existência e um fundamento poético. A vontade de saber, de localizar-se no universo, aliada à vontade de expressar-se, são de fato dois momentos importantes da poesia de Hilst, que se evidenciam de modo agudo em *Do desejo*.

Fazendo da conjugação entre o saber e o sentir, entre o conhecimento e o afeto, as bases de uma experiência poética tornada forma de construção e preservação da subjetividade, Hilst nos apresenta um modo de existência e resistência a um mundo cada vez mais governado pelo consumo de bens descartáveis, pela ausência de valores e projetos. A dimensão política da obra da autora, inerente a sua poesia, sem que precise ser tematizada, nos deixa um legado seguramente relevante, pois que baseado no compromisso do sujeito com a sua própria independência e autonomia, com a sua capacidade crítica e criativa. Com a poesia de Hilst, permanece viva a confiança no valor de uma subjetividade sempre pronta a almejar o esclarecimento, mesmo sabendo de suas infinitas limitações. No cenário das letras nacionais dos últimos cinquenta anos, que ainda parece reservar as sombras para muitos de seus autores, desponta uma poesia feita de desconforto e ausência, mas também de desejo e da mais alta consciência. Em tempos de banalizações generalizadas, resta saber se surgirão outros tão dispostos quanto Hilst a atravessar o muitas vezes penoso caminho através do qual o homem busca encontrar-se consigo mesmo, na procura por algum quinhão a mais da pequena compreensão sobre a vida que é dada a todos possuir.

NOTAS

1. O presente artigo foi escrito em junho de 2004, quatro meses após a morte de Hilda Hilst (04/02/2004).
2. A definição de *Estar sendo. Ter sido.* como o término da produção da autora deve-se à observação de que as publicações posteriores foram todas reuniões, seja de textos já publicados em livro, seja das crônicas escritas em jornal, de 1992 a 1995, ou ainda, das peças de teatro até então inéditas.

ABSTRACT:

A coming on Hilda Hilst's poetics, approaching its relationship with some modernity's tradition, its singular course and some of its remarkable touches, these ones observed from the book Do desejo.

KEY WORDS: *Hilda Hilst, poetics, contemporary poetry.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. Lírica e sociedade. In: BENJAMIN, Walter et alli. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores). p. 193-208.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 9-227.
- _____. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985. (Série fundamentos). 80 p.
- COELHO, Nelly Novaes. Da poesia. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 8, p. 66-79, out. 1999.
- FRIEDRICH, Hugo. *Estrutura da lírica moderna: da metade do século XIX a meados do século XX*. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1991. (Problemas atuais e suas fontes, 3). 349 p.
- HEGEL. A poesia lírica. In: _____. *Estética: poesia*. Lisboa: Guimarães Editores, 1964. p. 289-369.
- HILST, Hilda. *Do desejo*. Campinas: Pontes, 1992. 112 p.
- _____. *Estar sendo. Ter sido*. São Paulo: Nankin, 1997. 127 p.
- _____. *Exercícios*. São Paulo: Globo, 2002. (Obras reunidas de Hilda Hilst). 272 p.
- _____. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. São Paulo: Globo, 2001. (Obras reunidas de Hilda Hilst). 143 p.
- PAZ, Octavio. *Los hijos del limo: del romanticismo a la vanguardia*. 4. ed. Barcelona: Seix Barral, 1993. (Biblioteca de bolsillo). p. 7-87; 147-227.
- PÉCORA, Alcir. Nota do organizador. In: HILST, Hilda. *Exercícios*. São Paulo: Globo, 2002. (Obras reunidas de Hilda Hilst). p. 7-10.
- _____. Nota do organizador. In: HILST, Hilda. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. São Paulo: Globo, 2001. (Obras reunidas de Hilda Hilst). p. 11-13.
- RIBEIRO, Leo Gilson. [Apresentação]. In: HILST, Hilda. *Ficções*. São Paulo: Quiron, 1977. (Coleção jogral, 6). p. VII-XII.
- ROUANET, Sérgio Paulo. Iluminismo ou barbárie. In: *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 9-45.